

# As cidades resilientes e o papel da educação

O lugar onde vamos decidir se a civilização será capaz de enfrentar os desafios é a escola

## SÉRGIO BESSERMAN

Especialista em sustentabilidade



As cidades estão cada vez maiores e mais complexas. Mesmo no cenário mais otimista para o aquecimento global, as cidades serão muito impactadas. Tomar decisões agora pode influenciar o futuro. O papel da educação nesse processo é fundamental. Debater esse tema foi o principal objetivo da palestra “Cidades resilientes” de Sérgio Besserman, presidente da Câmara Técnica de Desenvolvimento Sustentável da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro e professor da PUC-RJ.

“Precisamos de cidades resilientes, ou seja, que saibam enfrentar os impactos das mudanças, principalmente climáticas. Se formos uma humanidade capaz de tomar decisões e assumir certos custos em função do que vai acontecer, seremos uma humanidade melhor e mais consciente e, conseqüentemente, teremos uma vida melhor”, destacou.

As soluções tecnológicas para adaptar as mudanças climáticas das cidades existem, mas são inviáveis economicamente, o que torna necessário preparar as cidades para sofrer o menos possível, prevendo riscos e suportando o impacto. “Resiliência envolve conhecimento sobre os impactos das mudanças climáticas, além de preparar as cidades através da

prospecção de tendências globais e locais da História que podem afetá-las”.

Um alerta do professor foi sobre a educação ambiental que se faz nas escolas, da mesma forma que se fazia há anos, sem contextualizar com a realidade do mundo atual. “Nós continuamos a fazer educação ambiental da mesma forma. No século XX existia uma dicotomia do meio ambiente de um lado e o crescimento econômico do outro. Hoje sabemos que o crescimento da população e da economia impacta diretamente o meio ambiente, mas continuamos fazendo tudo da mesma maneira. Educação ambiental não é mostrar cartilhas de melhores práticas e sim falar sobre cidades resilientes, esse desafio que tem impacto social, econômico e histórico”, explicou.

O planeta Terra tem quatro bilhões e 600 milhões de anos. Considerando esse tempo em um relógio de 24 horas, a civilização humana chegou nos últimos segundos. Em todas as horas anteriores o planeta passou por problemas muito maiores do que a humanidade possa fazer e se recuperou em todas essas etapas. Para Besserman, o problema está no tempo, que para os seres humanos é um e para a recuperação do planeta é outro.



*Besserman: "A Terra é frágil no tempo curto, mas é extraordinariamente resiliente no tempo longo"*

"A Terra é frágil no tempo curto, mas é extraordinariamente resiliente no tempo longo. A educação ambiental que se faz no mundo, inclusive no Brasil, de que somos deuses e estamos estragando o planeta é a pior que pode existir. Precisamos mostrar que a natureza do nosso tempo está com problemas, porque usamos os recursos naturais sem considerar que ela precisa se reciclar para continuar nos entregando serviços, como clima, solo, biodiversidade e água, que são indispensáveis. O problema que temos é de capacidade, porque achamos que era de graça usar os recursos naturais. Quem tem um problema somos nós e não a natureza".

Se por um lado a mudança climá-

---

***"Precisamos de cidades resilientes, ou seja, que saibam enfrentar os impactos das mudanças, principalmente climáticas"***

---

tica é extremamente grave, definir o limite do perigo pelo que não se vê, mas sabe que vai acontecer, também é desafiador. Besserman enxerga o momento como uma oportunidade. "Isso é inédito. É a primeira vez na História da humanidade que precisamos tomar decisões importantes hoje para mudar a realidade dos próximos anos. As pessoas que não têm recursos para sobreviver serão atingidas primeiro, mas o impacto alcançará todos nós. Tudo implica em as-

sumir um custo que até agora não assumimos. Esse desafio nos definirá", afirmou Besserman.

As transformações que as cidades e as pessoas vão enfrentar nas próximas décadas são enormes e, para o professor, o papel da escola é fundamental para vencer esses desafios e ter um mundo melhor. "Qual o vetor mais decisivo de todos para adquirirmos essa consciência e perceber que é possível um mundo melhor apesar dos desafios? É a educação, é a aquisição de conhecimento. O lugar onde nós vamos decidir se a civilização será capaz ou não de enfrentar os desafios que ela tem é a escola, é a mente de sete bilhões de cérebros, especialmente dos jovens", destacou.